

O FORMATIVO -LÂNDIA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO COMTEMPORÂNEO: RADICAL OU AFIXO?

Maria de Fatima VIEIRA

(Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ)

Resumo: No presente artigo, é analisado o formativo *-lândia*, utilizado no português brasileiro, para verificar se esse elemento é um radical, um afixo ou está transitando na fronteira radical-afixo. O principal objetivo do texto é verificar o estatuto morfológico de *-lândia* e confirmar a existência de um *continuum* entre composição e derivação, mostrando que há elementos que não se encaixam perfeitamente em nenhum desses processos de formação de palavras.

Palavras-chave: *Composição, Derivação, Continuum.*

PALAVRAS INICIAIS

De acordo com a tradição gramatical, haveria apenas dois tipos de processos de formação de palavras: a derivação e a composição, que utilizariam, respectivamente, os seguintes constituintes: afixos e radicais/palavras. No entanto, como observa Gonçalves (2011), essa divisão só dá conta dos casos mais prototípicos, uma vez que há formativos que possuem características comuns de radicais e de afixos, sendo difícil definir se o processo em questão é o de composição ou o de derivação.

Como mostram Gonçalves & Andrade (2012), há vários elementos morfológicos transitando na fronteira entre radical e afixo. Para efeito de exemplificação, podem-se verificar os seguintes: (a) *splinters* (*-drasta, -lé, -trocínio, -lândia* etc.), pedaços de palavras que se originam de cruzamentos vocabulares, podendo se fixar em outras palavras; (b) *xenconstituíntes* (*cyber-, wiki-, pit-, e-* etc.), *splinters* importados diretamente de outra língua, como o inglês, e utilizados com as adequações necessárias às estruturas linguísticas do português; (c) *elementos neoclássicos* (*-latra, -dromo, -metro* etc.), bases presas de origem grega ou latina que são muito utilizadas nas nomenclaturas científica, literária, filosófica etc.

Verifica-se, assim, que esses constituintes não se enquadram bem nem na composição nem na derivação, pois fazem parte de uma categoria de transição entre as duas. Para Gonçalves (2011a), a composição e a derivação, mesmo envolvendo diferentes unidades de análise, interrelacionam-se de diversas maneiras. Esses processos de formação de palavras seriam casos que se enquadrariam nos “extremos prototípicos de um *continuum*, havendo, em decorrência, casos limítrofes com propriedades das duas operações morfológicas” (GONÇALVES, 2012b, p.1).

Dessa forma, no presente trabalho, será analisado o formativo *-lândia*, que também faz parte de uma categoria de fronteira. O objetivo principal é discutir o estatuto morfológico desse formativo, verificando o que ele realmente tem em comum com os radicais e os afixos, pretendendo confirmar a proposta de *continuum*, originalmente formulada por Gonçalves (2011a) para o português. Além disso, será observada a produtividade desse elemento em relação às formações atuais.

Para que isso seja possível, será analisado um *corpus* formado por dados extraídos de dicionários eletrônicos disponíveis *online*, do *site* de busca *google*, assim como páginas de

relacionamento como *orkut* e *facebook*. Os dados serão analisados de acordo com os onze critérios propostos por Gonçalves & Andrade (2012): (i) Restrição posicional; (ii) *Boundness* (limitação estrutural); (iii) Relação prosódia-morfologia; (iv) Estabilidade funcional; (v) Potencial de aplicabilidade; (vi) Densidade semântica; (vii) Estabilidade semântica; (viii) Inventário fechado; (ix) Restrições semânticas e sintáticas; (x) Combinabilidade; (xi) Redução de coordenação.

1. UM POUCO SOBRE O FORMATIVO -LÂNDIA

O elemento *-lândia*, utilizado com muita frequência no português, não teve sua origem nessa língua; veio para o português e sofreu algumas adaptações necessárias para que fosse utilizado naturalmente. O formativo “land” veio das línguas germânicas e quer dizer “terra”, “país de...”, como “Neverland”, “Deutschland”, “England”, “Groeland” etc. Segundo o dicionário Houaiss, *-lândia* seria um:

elemento de composição pospositivo, do teutônico comum, como 'terra, país, região etc.', extremamente freq. em topônimos das línguas anglo-saxãs, alatinados tardiamente com o recurso do suf. -ia de locativos pátrios; em port., além de topônimos como Groenlândia, Finlândia, Jutlândia, tem servido para a form. ad hoc de muitos top. brasileiros, bem como para palavras ad hoc de valor afetivo e pitoresco, como pagolândia, gurilândia, brotolândia, bostolândia etc., pelo menos no Brasil

Verifica-se, assim, que a origem primeira desse formativo foram as línguas germânicas e, no caso do português, a sequência *land* foi depois alatinada com o sufixo *-ia* de locativos pátrios. Pode-se constatar que há uma utilização muito frequente para vários topônimos no português, além de *-lândia* ser utilizada também em palavras de valores afetivos e pitorescos, como mostram os exemplos acima.

Tendo em vista várias palavras no português que vieram diretamente da língua inglesa, acredita-se que o elemento *land* não veio diretamente do alemão para o português, mas do inglês para o português e se acrescentou o sufixo *-ia*. Essa adaptação foi tão bem formada fonética e morfológicamente que se tornou uma configuração quase nativa. Se não se busca a etimologia da palavra, qualquer falante nativo poderia pensar que é um elemento de origem portuguesa.

Tendo em vista que a partícula *land* veio diretamente de outra língua, pode-se dizer que esse formativo é um xenoconstituente (GONÇALVES & ALMEIDA, 2012), ou seja, um empréstimo muito bem adaptado, pois possui um fragmento importado para o português ao qual se acrescentou o sufixo *-ia* – que é um sufixo nominalizador de origem portuguesa. Assim, *-lândia* seria um xenoconstituente, um *splinter* que veio de outra língua e sofreu algumas alterações necessárias para sua adaptação ao português. Segundo Gonçalves & Almeida (2012), os xenoconstituente são *splinters* utilizados na criação de novas palavras, pois podem ser adjungidos a formas vernáculas.

Splinters são partes de palavras utilizadas recorrentemente nas formações de palavras e, geralmente, resultam de processos de fusão vocabular (cruzamentos ou substituições sublexicais), como *-nese* (‘macarronese’), *-drasta* (‘sogradastra’), entre outras (GONÇALVES, 2011c). No caso de *-lândia*, teríamos um *splinter* por substituição sublexical importado de outra língua e, por isso, esse formativos seria um xenoconstituente. A sequência *-lândia* foi isolada e favoreceu a criação de

O formativo *-lândia* no português brasileiro contemporâneo: radical ou afixo?

palavras em série por meio da substituição sublexical à esquerda e aparece em várias formações designando lugar. Segundo GONÇALVES (2011a), os *splinters* participam de esquemas de formação de palavras semelhantes aos da derivação e composição. No entanto, não se enquadrariam em nenhum desses esquemas, mas estariam transitando na fronteira radical-afixo, pois teriam características de radicais, mas também de afixos, como a posição em uma das margens da palavra – fixação à esquerda (*caipi-*) ou à direita (*-lândia*), o fato de serem elementos presos, além da alta produtividade lexical. Os *splinters* representam, assim, um caso claro de fronteira entre a derivação e a composição.

De acordo com Gonçalves & Almeida (2012), os xenoconstituintes possuem diferentes graus de produtividade e a maioria ainda não está completamente nativizada, como em ‘cybercafé’ – ‘cibercafé’ / ‘ciber-espaço’ – ‘ciberespaço’ etc. Em relação à utilização de *-lândia*, a partícula tão bem aceita no Brasil que é muito comum encontrar várias cidades brasileiras com esse formativo. Fazendo-se uma busca, encontraram-se 72 cidades no Brasil com a utilização de *-lândia* em sua formação (‘Ceilândia’, ‘Cinelândia’). No Brasil, além de topônimos, essa partícula também é muito utilizada para a formação de vários nomes que podem remeter a lugar físico, virtual ou outros, como em ‘chocolândia’, ‘recursolândia’, ‘retirolândia’, ‘funilândia’, ‘cracolândia’ e ‘cristolândia’, entre tantos outros.

Tendo em vista a existência de uma série de processos morfológicos de difícil categorização, como as formações a partir de *splinters*, acredita-se que a utilização de um *continuum* entre derivação e composição seja a estratégia mais acertada para classificar os diversos processos de formação de palavras presentes na língua.

2. COMPOSIÇÃO X DERIVAÇÃO E O FORMATIVO - LÂNDIA: RADICAL OU AFIXO?

Nas gramáticas tradicionais, na parte dos processos de formação de palavras, nada é mencionado sobre o elemento *-lândia*. Rocha Lima (2001), por exemplo, mostra que a derivação e a composição são processos distintos e nada menciona sobre os casos que não se enquadram facilmente na composição e na derivação. Cunha & Cintra (2007) ressaltam que a derivação e a composição são os principais processos para a formação de palavras. No entanto, os autores destacam que “não são os únicos processos de formação de palavras (...) além destes dois processos mais comuns, há outros de uso restrito, sendo particularmente curiosos os *oniônimos*, os *acrônimos* e as *amalgamadas*” (CUNHA & CINTRA, p. 97). Vale destacar que, diferentemente de Rocha Lima, Cunha & Cintra utilizam várias definições e nomenclaturas que não são habitualmente utilizadas pelos gramáticos: *sufixóide*, *prefixóide* e *pseudoprefixos*, entre outros. No entanto, também nada é mencionado sobre o formativo *-lândia*.

Por último, pesquisou-se o que Mateus *et alii* (2003) abordam sobre o assunto e verificou-se que, segundo as autoras,

*pode aparentemente estabelecer-se uma distinção entre prefixos e sufixos (à exceção dos já referidos sufixos temáticos e flexionais) com base no seu comportamento típico: (2) (a) Os **sufixos** determinam a categoria sintáctica da palavra (...) e os **prefixos** não interferem no cálculo da categoria sintáctica da palavra em que ocorrem; (b) Os **sufixos** determinam o valor das categorias morfológicas, morfosintáticas e morfo-semânticas relevantes (...) Os **prefixos** não determinam o valor das categorias morfológicas, morfo-sintáticas e morfo-semânticas relevantes; (c) os **sufixos** não podem coocorrer*

*em posições adjacentes (...) Os **prefixos** podem coocorrer em posições adjacentes. (p. 942)*

Pode-se constatar, assim, que diferentemente dos outros autores, Mateus *et alii* (2003) mostram que a dicotomia composição-derivação não é suficiente para abordar os processos de formação de palavras. Elas terminam essa parte fazendo a distinção entre os afixos derivacionais e os afixos modificadores:

*Conclui-se, assim, que as propriedades referidas em (2) não são atribuíveis à posição que o afixo ocupa, mas sim à função que ele desempenha na estrutura da palavra, o que justifica a distinção entre **afixos derivacionais** e **afixos modificadores**: os afixos derivacionais exibem todas as propriedades que em (2) estão listadas como propriedades típicas dos sufixos, e os afixos modificadores exibem todas as propriedades que em (2) foram atribuídas aos prefixos. Os afixos derivacionais integram, previsivelmente, estruturas de derivação e os afixos modificadores ocorrem em estruturas de modificação morfológica. (p. 943)*

Gonçalves (2011a) mostra que, segundo a tradição gramatical, a composição consistiria na combinação de dois ou mais lexemas, enquanto a derivação seria caracterizada pela adição de um afixo. O autor ressalta que, para Bauer (2005), são tênues os limites desses dois processos de formação de palavras, pois para este a mudança morfológica seria a principal base empírica para mostrar que essa distinção não pode ser fixada claramente. Além disso, há vários prefixos e sufixos que se originam de radicais ou palavras que podem aparecer à esquerda ou à direita, respectivamente, de uma construção que não seja necessariamente morfológica (GONÇALVES, 2011a).

Segundo Bauer (2005 *apud* Gonçalves, 2011a, p.107):

O problema não está na distinção entre composição e derivação – definidas a partir da oposição palavras/afixos obrigatoriamente presos; nesse sentido, tudo funciona bem. O problema está em certos elementos terem ou deixarem de ter estatuto compatível com uma outra categoria: formas que ocorrem na segunda posição em compostos, preposições / advérbios que se comportam como prefixos, morfemas únicos em processo de independência, pedaços de palavras ascendendo ao status de afixo.

Na citação anterior, verifica-se, claramente, que a composição e a derivação se interrelacionam de diversas maneiras, mostrando que seriam polos prototípicos de uma escala em que há casos bem clássicos, como compostos e derivados, e outros que não se encaixam facilmente em um desses dois polos, por transitar ao longo de um *continuum*, como se verá mais adiante.

Assim, para verificar se um formativo comporta-se como afixo ou radical, podem-se aplicar os onze critérios propostos por Gonçalves & Andrade (2012). Vale ressaltar que esses critérios tratam dos casos prototípicos das duas categorias analisadas, podendo, por isso, ser questionados, uma vez que se está tratando de tendências gerais e haverá elementos que não se encaixam perfeitamente em alguns dos critérios.

O formativo *-lândia* no português brasileiro contemporâneo: radical ou afixo?

A seguir, serão apresentados, resumidamente, os onze critérios básicos para a diferenciação entre afixos e radicais. Vale ressaltar que o critério de número viii – inventário fechado – não será utilizado, pois não se aplica na prática. Além disso, cada um dos critérios será aplicado ao elemento *-lândia* para verificar se é um radical, um afixo ou uma categoria à parte. Qual é o estatuto do formativo *-lândia*?

(i) Restrição posicional

Os afixos possuem restrições posicionais, ou seja, sempre aparecem em um lugar pré-determinado (antes ou depois da base) e é por isso que há várias classificações para os elementos da derivação, conforme o local em que o afixo aparece na palavra: prefixo, sufixo, infixos, confixos etc. Os radicais, no entanto, não possuem restrição posicional, ou seja, um mesmo radical pode ser utilizado tanto no começo de uma palavra quanto no final de outra.

Em relação à **restrição posicional**, verifica-se que o formativo *-lândia* sempre aparece em um lugar pré-determinado, ou seja, sempre aparece em segunda posição (como os sufixos), fazendo com que seja mais parecido com os afixos do que com os radicais, como se pode observar nos exemplos a seguir:

- (01) ratolândia “restaurante em que há muitos ratos”
macacolândia “lugar em que há macacos”
pagolândia “lugar em que se concentram os pagodeiros”

(ii) *Boundness* (limitação estrutural)

Os afixos são formas presas; são partes que compõem uma palavra e não funcionam isoladamente, pois são elementos morfológicos. Já os radicais não o são necessariamente, pois podem funcionar como formas livres. No que diz respeito à **limitação estrutural**, assim como os afixos, o elemento *-lândia* nunca ocorre sozinho, sempre vindo depois de uma base, ou seja, é uma forma presa, pois não funciona como forma livre e é uma parte que compõe uma palavra, pois é um elemento morfológico. Também nesse aspecto, o formativo em questão aproxima-se mais dos afixos. A título de exemplificação, veja-se o estranhamento da sentença a seguir:

- (02) ?A lândia em que ele mora é muito perigosa.

(iii) Relação prosódia-morfologia

Os afixos, em geral, por serem formas presas, não formam palavras prosódicas independentes, mas uma única palavra que faz parte de um mesmo vocábulo fonológico. Isso ocorre nos casos mais prototípicos de derivação, uma vez que há casos, como o dos prefixos composicionais (*pré-*, *pró-*, *pós-*, *bi-*, *ex-* etc) e de alguns sufixos como *-mente* e *-zinho* que formam duas palavras prosódicas. Pode-se dizer que nesses casos há isomorfismo entre a palavra prosódica e a palavra morfológica na derivação. Na composição, haveria duas palavras prosódicas independentes, ou seja, haveria dois acentos em uma única palavra lexical como em *auxílio-creche*. Dessa forma, diferentemente, na derivação, haveria duas palavras fonológicas e apenas uma palavra morfológica, não havendo, portanto, isomorfismo entre a morfologia e a prosódia.

O formativo *-lândia* no português brasileiro contemporâneo: radical ou afixo?

nível de exemplificação, podem-se observar os empregos a seguir, retirados de páginas de relacionamento como o *orkut* e o *facebook*:

- (05) emolândia – *orkut* bestolândia – *orkut*
gagalândia – *facebook* motolândia – *facebook*
sexolândia – *facebook*.

Como se verifica, há uma grande aplicabilidade. Em relação a esse critério, portanto, o formativo em análise aproxima-se dos afixos novamente.

(vi) Densidade semântica

Os afixos possuem conteúdos semânticos mais amplos e podem combinar-se com um maior número de formas da língua, o que não ocorre com os radicais. Verifica-se, também, que o conteúdo semântico do formativo *-lândia* é mais amplo, combinando-se com um maior número de palavras. Assim, o formativo em questão aproxima-se mais dos afixos, pois é capaz, em função de seu significado, de se combinar com várias formas da língua e com vários tipos de substantivos, como se pode observar em (6):

- (06) familiarlândia
raplândia
cristolândia

Essas palavras são utilizadas em diferentes contextos; “familiarlândia”, por exemplo, é utilizada para o encontro de várias famílias, “raplândia” para designar um lugar em que há vários *raps*, e “Cristolândia”, o encontro de cristãos que ajudam as pessoas da *cracolândia*, que é um lugar em que os usuários de *crack* se encontram. Verifica-se, assim, que *-lândia* possui uma grande aplicabilidade na formação de novas palavras, assemelhando-se mais aos afixos que aos radicais.

(vii) Estabilidade Semântica

Na derivação, as palavras que se formam, em geral, são interpretadas pela soma de suas partes, utilizando-se, portanto, o princípio da composicionalidade, e a ideia apresentada pelos afixos, em geral, é sempre a mesma. Já na composição, há uma motivação metafórica ou metonímica. Assim, a soma das partes não mostra o conteúdo como um todo, sendo, portanto, não-composicional.

Em relação à **estabilidade semântica**, verifica-se que a composicionalidade não é uma constante. Por exemplo, em “*cracolândia*” e “*cristolândia*”, a soma das partes não mostra o que a palavra como um todo denomina. Em “*cracolândia*”, a soma das partes levaria ao lugar do *crack*, o mesmo ocorre com “*cristolândia*”, que seria o lugar de Cristo. No entanto, o significado que se quer transmitir com o uso dessas duas palavras não é esse, mas o lugar em que se concentram pessoas, em que há um agrupamento de usuários de *crack* e de cristãos, respectivamente.

De acordo com esse último critério, verifica-se que o elemento em questão comporta-se mais como radical que como afixo, pois a ideia apresentada por ele não é sempre a mesma e a

soma das partes não necessariamente leva ao significado do todo, sendo, assim, muitas vezes não-composicional.

(ix) Restrições semânticas e sintáticas

Os afixos impõem restrições semânticas e sintáticas aos componentes com os quais se agrupam, ou seja, selecionam a categoria léxica (substantivo, adjetivo, verbo) e a classe semântica (abstrato/concreto, animado/inanimado, contável/incontável) do componente com o qual se combinam. Com os radicais, isso não ocorre.

Utilizando o critério **restrições semânticas e sintáticas**, verifica-se que a unidade morfológica em análise combina-se com diversas bases para formar novas palavras, como substantivos – “gurilândia”, “macacolândia” – e verbos – “comilândia” e bebilândia. Nos dados analisados, foram encontrados, em sua maioria, formações com substantivos; os únicos dados com verbo foram os dois citados anteriormente e não houve nenhum dado com adjetivo. No entanto, em relação à classe semântica (abstrato/concreto, animado/inanimado, contável/incontável), verifica-se que há uma grande aplicabilidade em diversos exemplos, como em “cracolândia”, “cristolândia”, zumbilândia”, “familiarlândia”, “memeslândia”, entre outras. Por isso, pode-se constatar que, neste aspecto, *-lândia* se aproximaria dos radicais, pois liga-se a diversas palavras, de diferentes classes semânticas e sintáticas.

(x) Combinabilidade

Os afixos, apesar de se encontrarem em diferentes lugares na estrutura da palavra, não se combinam entre si. Radicais, por sua vez, podem combinar-se livremente entre si. Verificando o critério da **combinabilidade**, os radicais poderiam se combinar com outros radicais e os afixos não poderiam se combinar com outros afixos. Em relação ao formativo em questão, observou-se que *-lândia* não se combinaria com outro elemento que não seja palavra ou radical, isto é, não se adjunge a *splinters*, xenoconstituíntes, afixoides ou afixos. Dessa maneira, o formativo, em relação a esse critério, se aproximaria mais dos afixos que dos radicais.

(xi) Redução de coordenação.

Os radicais permitem a regra de redução de coordenação; afixos, não necessariamente. Pelo critério da **redução de coordenação**, o formativo em análise não é sensível a esse fenômeno, ou seja, não permite a aplicação dessa regra. Dessa forma, não é possível coordenar construções com o elemento *-lândia*, que, com isso, poderia equiparar-se a um afixo, pois não há coordenação sem apagamento, como se pode observar nos exemplos a seguir:

(07) macacolândia e barbielândia ≠ macaco e barbielândia.

Com base nesses critérios, podem-se analisar tanto os afixos quanto os radicais não considerados prototípicos, ou seja, que estão nos extremos do *continuum*, como elementos que possuem características uniformes dessas duas unidades morfológicas, elementos difusos, mais difíceis de se categorizar. Segundo Gonçalves & Andrade (2012: 142):

O formativo *-lândia* no português brasileiro contemporâneo: radical ou afixo?

“(...) desde una perspectiva de la teoría de prototipos, como aquí se defiende, se asume que (a) las categorías no están claramente delimitadas en las fronteras, y, por lo tanto, pueden cambiar con el tiempo y (b) no todos los representantes de la clase tienen el mismo comportamiento: algunos son más centrales y otros más periféricos. Por lo tanto, la categorización basada en prototipos y a través de continuum parece más consistente con la heterogeneidad del sistema tipológico de formación de palabras en portugués, ya que las fronteras entre los distintos tipos de constituyentes no son tan nítidas y algunos elementos se ajustan a una categoría con mayor precisión que otros.”

Gonçalves & Thompson (2013) mostram que Baker (2000) e Ralli (2007) propõem um *continuum* morfológico, com unidades envolvidas na formação de palavras, que vai do lado ocupado pelos afixos até o ocupado pelos radicais livres. Entre esses dois polos de constituintes prototípicos, encontram-se os radicais presos, os neoclássicos e os *splinters*.

Com base nos argumentos acima, verifica-se que o constituinte *-lândia* não é um afixo clássico, pois, de acordo com os critérios propostos por Gonçalves & Andrade (2012), há quatro características em que se parece mais com os radicais do que com os afixos. Dessa forma, *-lândia* seria um radical se fossem considerados apenas os seguintes critérios: estabilidade funcional, estabilidade semântica, restrições semânticas e sintáticas.

Assim, pode-se observar que esse formativo se posiciona em um nível intermediário, pois não é um afixo nem um radical prototípico. Por isso, a classificação em um *continuum* seria uma solução mais adequada, pois o elemento em questão, apesar de não se enquadrar perfeitamente na classe dos radicais nem dos afixos prototípicos, está mais próximo destes últimos, de acordo com os seis critérios em comum com os mesmos.

Portanto, *-lândia* constituiria membro/exemplar de uma classe intermediária, uma categoria que apresenta características de afixos e de radicais. Assim, seria um elemento de fronteira, uma vez que não se enquadra em nenhum dos polos do *continuum*.

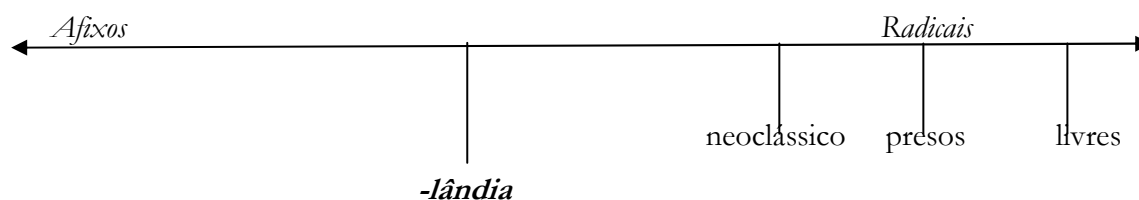
PALAVRAS FINAIS

Com o presente trabalho, foi possível observar que as fronteiras entre a derivação e a composição são bem tênues, pois há diversos formativos que não se enquadram nem em uma nem em outra classificação. Para mostrar isso, foram utilizados os critérios propostos por Gonçalves & Andrade (2012) e os mesmos foram aplicados ao elemento *-lândia*. O quadro a seguir mostra resumidamente as características que o formativo *-lândia* partilha (+) ou não (-) com os afixos:

(vii) estabilidade semântica	-
(ix) restrições semânticas	-
(x) combinação possível	+
(xi) redução (ênclise natural)	+
(iii) relação prosódia-morfologia	+
(iv) estabilidade funcional	-
(v) potencial de aplicabilidade	+
(vi) densidade semântica	+

A análise do formativo *-lândia* mostrou que essa partícula se aproximaria mais dos radicais se fossem aplicados os seguintes critérios: estabilidade funcional, estabilidade semântica, restrições semânticas e sintáticas; por outro lado, de acordo com os critérios restrição posicional, *boundness* (limitação estrutural), relação prosódia-morfologia, potencial de aplicabilidade, densidade semântica, combinabilidade e redução de coordenação, haveria mais aproximação com os afixos. Dessa forma, verifica-se que há mais características de afixos que de radicais.

Com a análise dos dados realizada neste artigo, pode-se constatar que, dos dez critérios analisados para a classificação dos afixos mais prototípicos, o elemento *-lândia* apresentou sete características que o aproximariam da derivação e três que o aproximariam da composição. Vale ressaltar, assim, que *-lândia* seria um formativo limítrofe, ou seja, não estaria nem no polo da composição nem no polo da derivação, mas entre os dois, aproximando-se mais dos afixos do que dos radicais/palavras. A título de ilustração de sua colocação no *continuum*, pode-se observar a representação abaixo:



Foram formativos como *-lândia* que mostraram que a dicotomia derivação x composição não dá conta de todos os elementos envolvidos nos processos de formação de palavras; por isso, a necessidade de um *continuum* entre esses dois processos. Neste trabalho, confirma-se a proposta de um *continuum*, pois há diversos formativos que exibem características desses dois mecanismos e confirmam que há diversas operações difusas e, portanto, menos prototípicas. Assim, há elementos mais centrais e outros mais periféricos, fazendo com que a proposta acima seja a mais produtiva, tendo em vista a heterogeneidade do sistema de formação de palavras em português, em que há formativos que se aproximam mais do polo da derivação e outros da composição (GONÇALVES & ANDRADE, 2012).

Dessa forma, pode-se dizer que o elemento em análise não pode ser considerado nem um afixo nem um radical, pois mistura características desses dois tipos de constituintes. Por isso, estaria em uma categoria intermediária, transitando entre a composição e a derivação e confirmando que não há diferenças rígidas entre esses dois processos (GONÇALVES, 2011a).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CUNHA, C. & CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.
- GONÇALVES, C. A. *Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? Pequeno estudo de casos*. Domínios da Linguagem, Uberlândia, 5 (2): 63-94, 2011a.
- GONÇALVES, C. A. *Compostos neoclássicos: estrutura e formação*. REVEL – Revista Virtual de Estudos da Linguagem, Porto Alegre, 9(especial): 5-37, 2011b.

O formativo *-lândia* no português brasileiro contemporâneo: radical ou afixo?

GONÇALVES, C. A. *Paitrocínio, tecno-macumba, maridoteca: o comportamento das formas combinatórias no português do Brasil*. Revista ABRALIN, 14 (1), 2012a.

GONÇALVES, C. A. *Atuais tendências em formação de palavras no português do Brasil*. Signum – Revista de Linguística. Londrina, UEL, 15 (1): 169-199, 2012b.

GONÇALVES, C. A. & ALMEIDA, M. L. L. *Por uma cibermorfologia: abordagem morfossemântica dos xenoinstituintes em português*. In: MOLLICA, Maria Cecília; GONZALES, Marcos. (Org.). “Linguística e Ciência da Informação: Diálogos Possíveis”, Curitiba: Appris, 2011, p.105-127.

GONÇALVES, C. A. & THOMPSON, H. V. G. *Uma morfo-mania: análise das construções X-mania à luz de um continuum composição-derivação em português*. 2012 (Artigo inédito)

GONÇALVES, C. A. & ANDRADE, K. E. El status de los componentes morfológicos y el continuum composición derivación em português. Linguística (Madrid), 28 (2), 2012.

HOUAISS, A. (*et alii*). *Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, Objetiva. Versão 3.0, junho de 2009.

MATEUS, M. H. M. *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 6ª edição. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

MICHAELLIS, C. *Michaellis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2007.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

-LÂNDIA FORMATION IN CONTEMPORARY BRASILIAN PORTUGUESE:

A RADICAL OR AN AFFIX?

Abstract: *In this article, we will analyze the formative -land, used in Brazilian Portuguese, in order to verify whether it is a radical, an affix or a transitional element between a radical and an affix. The main purpose is to verify the status of morphological -land and confirm the existence of a continuum between composition and derivation, showing that there are elements that do not neatly fit into any of these processes of word formation, but “fluctuates” between them.*

Keywords: *Compounding, Derivation, Continuum.*